

Risco de calote da Americanas pode tirar R\$ 7 bi de bancos

Varejo Balanço em xeque

Risco de calote da Americanas pode tirar pelo menos R\$ 7 bi dos bancos

— Bradesco, Santander, Itaú, Safra, BTG Pactual e Banco do Brasil estão entre as instituições com os maiores empréstimos concedidos à varejista

MATHEUS PIOVESANA

O “fator Americanas” pode obrigar os bancos a reservar em balanço pelo menos R\$ 7 bilhões para cobrir o eventual risco de calote da varejista. De acordo com executivos do mercado financeiro, Bradesco, Santander, Itaú Unibanco, Safra, BTG Pactual e Banco do Brasil são, pela ordem, as instituições com os maiores volumes de empréstimos concedidos à companhia. O valor que cada banco emprestou varia, mas vai de cerca de R\$ 5 bilhões, no caso do Bradesco, a R\$ 1,3 bilhão, no do BB.

As instituições não informam os valores por respeito ao sigilo bancário. Pela legislação em vigor, elas são obrigadas a reservar uma parte do dinheiro para cobrir o risco de devedores duvidosos, o chamado provisionamento. No caso da Americanas, o valor final vai depender de fatores como se os sócios de refe-

rência – Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira – vão injetar recursos novos na companhia ou se a Americanas vai pedir recuperação judicial. A crise na varejista se arrasta desde a semana passada, depois que veio a público a existência de uma “inconsistência contábil” de R\$ 20 bilhões.

Um calote não descapitalizaria os bancos, mas poderia reduzir seus lucros. Para o provisionamento, não é preciso reservar o total da dívida, mas uma parte de acordo com o risco. Considerando um cenário em que os bancos reservariam metade dos empréstimos, o Bradesco teria de separar R\$ 2,3 bilhões para cobrir perdas com a Americanas; o Santander, R\$ 1,8 bilhão; o Itaú, R\$ 1,7 bilhão; o BTG, R\$ 950 milhões; e o BB, R\$ 650 milhões. Os cálculos são do analista Rafael Frade, do Citi. Procurados, os bancos não comentaram.

O montante, porém, depen-

Perguntas & respostas

Varejista e bancos negociam saída para dívida bilionária

Como a Americanas agiu para suspender o pagamento dos credores?

Na sexta-feira, a empresa conseguiu na Justiça carioca uma medida de tutela de urgência cautelar que suspende a possibilidade de bloqueio, sequestro ou penhora de bens da empresa. O pedido também adia a obrigação de pagamento de dívidas até que a companhia opte ou não, em um prazo de 30 dias, por uma recuperação judicial. Amparada pela Justiça, a Americanas já não pagou, na segunda-feira, juros remuneratórios da 17.^a emissão de debêntures da empresa.

O que diz a decisão obtida pelo BTG ontem?

O BTG Pactual conseguiu ontem uma liminar na Justiça do Rio de Janeiro para bloquear cerca de R\$ 1,2 bilhão das contas da Americanas. O desembargador Flávio Marcelo de Azevedo Horta Fernandes, do Órgão Especial do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ), entendeu a decisão de tutela de urgência cautelar, mas disse que se deve “evitar a utilização do instrumento como meio de frau-

derá do desenrolar das negociações entre os bancos e a varejista. Uma recuperação judicial não necessariamente levaria o crédito a ser considerado inadimplente, e haveria uma negociação em torno de descontos. Até aqui, os bancos já deixaram claro que só farão acordo se a Americanas for capitalizada – o que gerou um

de a credores”.

Além das ações na Justiça, quais movimentos administrativos a Americanas fez para tirar a empresa da crise?

A varejista anunciou na terça-feira Camille Loyo Faria, como nova CFO (diretora financeira) e DRI (diretora de Relações com Investidores) da empresa. Ela foi a responsável pela renegociação do plano de recuperação da Oi, que tinha dívidas de cerca de R\$ 60 bilhões. Um dia antes, a Americanas nomeou o banco Rothschild para negociar as dívidas com os banqueiros e credores internacionais, numa lista que inclui mais de 50 nomes e um débito perto de R\$ 2,5 bilhões.

Como fica a situação dos maiores acionistas da empresa?

Os bilionários e investidores de referência, Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira, afirmaram que poderiam injetar R\$ 6 bilhões na Americanas. No entanto, o montante foi considerado insuficiente pelos bancos credores, que avaliam que o trio precisaria desembolsar entre R\$ 10 bilhões e R\$ 15 bilhões para viabilizar uma capitalização que a varejista vai precisar fazer de forma urgente para se salvar. Na prática, esse dinheiro seria investido na forma de oferta de novas ações.

impasse entre as instituições e os acionistas de referência.

“Se a empresa pedir recuperação judicial e não houver nenhum tipo de capitalização, será o pior cenário”, diz o diretor responsável por entidades financeiras da S&P, Guilherme Machado. “Isso poderia fazer com que os bancos, em um prazo de

seis meses, provisionassem 100% das operações.” A Genial Investimentos estimou que, nesse cenário mais negativo, o lucro líquido dos bancos poderia cair de 1,8% (no caso do BB) a 6,9% (no do Bradesco).

VENCIMENTOS. Parte dos bancos credores tem ido à Justiça para garantir a cobrança antecipada das dívidas da Americanas, o que ajudaria a reduzir perdas. O BTG e o BV (ex-Votorantim), por exemplo, alegam ter liquidado operações após a divulgação do fato relevante que informou o rombo de R\$ 20 bilhões da varejista. Para se proteger desse movimento, a Americanas obteve na semana passada uma liminar para evitar o bloqueio de recursos.

“Todos os créditos que o Banco BV possuía na referida data (da publicação do fato relevante) com o grupo Americanas foram extintos”, afirmou o BV. Segundo apurou o *Estado/Broadcast*, as operações somavam cerca de R\$ 400 milhões. O BTG, por sua vez, conseguiu retomar ontem R\$ 1,2 bilhão da Americanas – em decisão do desembargador Flávio Marcelo de Azevedo Horta Fernandes, da Justiça do Rio –, e teria saldo de R\$ 1,9 bilhão ainda em aberto. O Bradesco recorreu ontem à Justiça para ter o mesmo direito, e a expectativa de especialistas é de que outros bancos credores se movimentem na mesma direção.

Esse maior risco da companhia é percebido pelas agências de classificação de risco. A Fitch, por exemplo, cortou a nota da Americanas para C, enquanto a S&P rebaixou a empresa para D. Na Moody’s, o corte foi para Ca3. Nos três casos, as notas significam um risco de calote alto ou muito alto. Há uma semana, a empresa tinha avaliações melhores do que as do próprio Brasil em algumas agências. ●

Mercado vê caixa da companhia reduzido para R\$ 800 milhões

TALITA NASCIMENTO
ALTAMIRO SILVA JUNIOR

Os R\$ 7,8 bilhões em caixa que a Americanas tinha já não são uma realidade. Executivos a par da situação calculam que a companhia tem R\$ 800 milhões disponíveis para tocar o negócio, o que não sustenta a operação da varejista por muito tempo. Como consequência, a empresa pode se ver forçada a pedir recuperação judicial an-

tes mesmo do prazo final de 30 dias dado pela Justiça do Rio de Janeiro em liminar. A situação ocorre após o então presidente da empresa, Sérgio Rial, afirmar ter detectado inconsistências em lançamentos contábeis estimadas em R\$ 20 bilhões.

O ponto principal é que, com os rebaixamentos de notas de crédito, a empresa já não consegue antecipar com os bancos e adquirentes cerca de R\$ 3 bilhões em recebíveis de cartão de crédito, recursos

essenciais para financiar o dia a dia de suas operações.

BLOQUEIOS. Somam-se a isso os valores bloqueados pelo BTG Pactual e o BV, que superam R\$ 1,4 bilhão. Há ainda mais R\$ 1 bilhão em investimentos sem liquidez imediata, metade referente a uma Letra Financeira do Tesouro (LFT).

Por fim, desde a última divulgação de resultados, a companhia já teria consumido R\$ 1,6 bilhão. Com isso, restam R\$

800 milhões para tocar o dia a dia da empresa. “É completamente insuficiente”, disse um dos executivos a par da situação. Para ele, a empresa é viável. No entanto, a postura dos credores têm ameaçado sua continuidade.

Pessoas a par do assunto alegam ainda que o Banco Safra teria congelado investimentos da companhia. A empresa não estaria conseguindo nem acessar suas contas, em razão de acessos cancelados. Procurado, o Safra não fez comentários sobre o assunto.

Para interlocutores da Americanas, a lógica dos bancos tem sido “se a farinha é pouco, meu pirão primeiro”. Com isso, estão reduzindo os recur-

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Negócios **Caderno:** B **Página:** 8